

INSTITUTOS SUPERIORES DE ENSINO LA SALLE

CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

**O MÉTODO PAULO FREIRE E AS CONTRIBUIÇÕES POLÍTICO-
PEDAGÓGICAS PARA A EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

MARGARETH NEVES DESMARAIS

**NITERÓI
2011**

MARGARETH NEVES DESMARAIS

**O MÉTODO PAULO FREIRE E AS CONTRIBUIÇÕES POLÍTICO-PEDAGÓGICAS
PARA A EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto Superior La Salle-RJ como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

ORIENTADOR: Prof^a Dr^a Simone Garrido Esteves Cabral

Niterói
2011

À Deus, presente em todos os momentos de pesquisa, leitura, escrita desta monografia, compartilhando comigo sua infinita sabedoria, sussurrando conselhos, afagando-me com ânimo e paz.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Thomaz de Aquino Moreira Desmarais e Eunice Neves Desmarais, e minha irmã, Mônica Neves Desmarais, pelo apoio e amor demonstrados durante a confecção da monografia.

À minha orientadora professora Simone Garrido Esteves Cabral pelo estímulo, generosidade e parceria na realização desse trabalho.

Ao professor Roberto S. Kahlmeyer-Mertens pelo direcionamento inicial quanto ao tema, bibliografia e desenvolvimento do projeto monográfico.

Aos professores do Curso de Pedagogia do La Salle-RJ pelos ensinamentos recebidos.

Às minhas amigas do Curso de Pedagogia pelo apoio, paciência e carinho no transcorrer deste trabalho.

Aos funcionários do La Salle-RJ pela atenção dispensada aos alunos.

Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão. Mas, se dizer a palavra verdadeira, que é trabalho, que é práxis, é transformar o mundo, dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens.[...] O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não esgotando, portanto, na relação eu-tu.

Paulo Freire, *Pedagogia do Oprimido*.

RESUMO

Esse estudo tem por objetivo analisar as contribuições político-pedagógicas de Paulo Freire para a educação brasileira. Assim, pretende-se, por meio desta pesquisa, descrever o Método Paulo Freire; delimitar as propostas pedagógicas de Paulo Freire; traçar os pressupostos político-ideológicos da educação de Paulo Freire; definir as repercussões de sua teoria e prática na educação brasileira. Partindo desses pressupostos, procura-se, nesse trabalho, abordar o método Paulo Freire, descrevendo suas etapas e ressaltando o seu viés revolucionário, posto que institui uma nova relação entre educador e educando; tratar das contribuições pedagógicas de Paulo Freire para a sociedade brasileira, abordando as premissas básicas da pedagogia dialógica em contraposição às bases da pedagogia anti-dialógica, utilizada tradicionalmente; analisar os pressupostos político-ideológicos da pedagogia de Paulo Freire no contexto brasileiro, explicando as relações de opressão e mecanismos de desmobilização feitos pela classe dominante através do sistema educacional; e abordar o papel da educação na conscientização e libertação do homem inserido na sociedade brasileira.

Palavras-chave: Método Paulo Freire; educação dialógica; relações de opressão; conscientização e libertação.

ABSTRACT

This study aims to analyze the political and pedagogical contributions of Paulo Freire for Brazilian education. Thus, it is intended, through this study was to describe the Paulo Freire method, define the educational proposals of Paulo Freire, trace the political and ideological assumptions of education Paulo Freire, define the implications of his theory and practice in education in Brazil. Based on these assumptions, we seek to, in this work, address the Paulo Freire method, describing their steps and emphasizing its revolutionary bias, since establishing a new relationship between educator and student; deal with Paulo Freire's educational contributions to Brazilian society, addressing the basic premises of dialogical pedagogy as opposed to the bases of anti-dialogical pedagogy, traditionally used, analyzing the political and ideological assumptions of the pedagogy of Paulo Freire in the Brazilian context, explaining the relationships and mechanisms of oppression demobilization made by the ruling class through the education system, and address the role of education in raising awareness and liberation of man inserted in Brazilian society.

Keywords: Method Paulo Freire; dialogical education; oppressive relations, awareness and liberation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1. O MÉTODO PAULO FREIRE	10
1.1. CONTEXTO HISTÓRICO DA APLICAÇÃO DO MÉTODO PAULO FREIRE	11
1.2. AS ETAPAS DO MÉTODO PAULO FREIRE	14
2. CONTRIBUIÇÕES PEDAGÓGICAS DO MÉTODO PAULO FREIRE	22
2.1. PRESSUPOSTOS BÁSICOS DA PEDAGOGIA DE PAULO FREIRE	22
2.2. PEDAGOGIA ANTI-DIALÓGICA OU BANCÁRIA	27
2.3. PEDAGOGIA DIALÓGICA	30
3. PRESSUPOSTOS POLÍTICO-IDEOLÓGICOS DA EDUCAÇÃO DE PAULO FREIRE	35
3.1. A REALIDADE SOCIAL VIGENTE E O PAPEL DA EDUCAÇÃO	35
3.2. ASPECTOS POLÍTICO-IDEOLÓGICOS DA EDUCAÇÃO	38
3.3. A EDUCAÇÃO COMO ATO DE LIBERTAÇÃO DO HOMEM	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	49

INTRODUÇÃO

O tema da presente monografia é o Método Paulo Freire e suas contribuições político-pedagógicas para a educação brasileira. Bem mais que um método de alfabetização, com técnicas inovadoras para o ensino da leitura e escrita, Paulo Freire traz à baila o conceito e a prática da pedagogia libertadora, na qual o homem se descobre como ser atuante e pensante de sua própria história, consciente de seu papel na sociedade, e produtor do seu conhecimento e cultura. Para isso, entende que a educação tem um papel de suma importância na sociedade, sendo um meio político-ideológico em que é possível lutar por uma sociedade justa e humanizada, sem opressores e oprimidos.

O primeiro capítulo da monografia irá abordar o Método Paulo Freire, suas etapas e desdobramentos pedagógicos. Freire alerta para o fato de sua proposta não ser um método fechado e pronto, e de não possuir material didático pré-fabricado, e por isso não poder ser aplicado da mesma forma e com o mesmo conteúdo em todos os grupos. Ele entende que o processo de conhecimento é contínuo, inacabado e dialético, e por isso ninguém se educa sozinho, mas os homens se educam mutuamente, mediatizados pelo mundo. Freire propõe, assim, uma nova e revolucionária metodologia, baseada numa relação dialógica entre o educador e o educando, na qual o primeiro ensina, aprendendo; e o segundo aprende, ensinando. Nesta relação não há espaço para autoritarismo e o conteúdo não é oferecido de forma unilateral e bancária, mas é construído de forma dialógica, e deve se basear na história e nas vivências do educando.

O segundo capítulo tratará das contribuições pedagógicas do Método Paulo Freire para a sociedade brasileira. Paulo Freire entende que o conhecimento não é um pacote fechado que deve ser transferido do educador para o educando, em que todos são sujeitos no processo de ensino-aprendizagem. Serão abordadas as premissas básicas da pedagogia dialógica, nas quais há respeito pelo educando, estímulo a sua curiosidade; uma relação de afetividade, rigor, autoridade e liberdade entre educador e educando; humildade, crença e esperança por parte do educador em relação ao educando; e respeito à ética humana. Também serão expostos as bases da pedagogia anti-dialógica, oposta à pedagogia freireana, que pressupõe uma realidade determinista, imutável, sendo uma pedagogia que não estimula a reflexão, a criticidade, o questionamento, o diálogo, e por isso não visa à conscientização e à transformação do ser humano.

O terceiro capítulo irá versar sobre os pressupostos político-ideológicos da educação de Paulo Freire. Abordará a relação das classes oprimidas e opressoras, sobre a desumanização neocapitalista e sobre os mecanismos de desmobilização e isolamento dos oprimidos. Desmistificará o fato de que a realidade é imutável e pré-determinada, que o homem inserido nesta sociedade pode transformá-la a partir da práxis, que sintetiza teoria, palavra e ação. E tratará sobre o papel da educação na conscientização e libertação do homem através da revolução cultural, que o insere na sociedade problematizada.

Assim, o que se pretende neste trabalho é apresentar os pressupostos revolucionários da pedagogia Paulo Freire, pensando e repensando as possibilidades levantadas por ele no intuito de mudar a história da educação brasileira, numa visão realista e engajada, e profundamente amorosa e esperançosa.

1. O MÉTODO PAULO FREIRE

O Método Paulo Freire, inicialmente criado para alfabetizar adultos, pressupõe o diálogo entre educador e educando, o despertar da curiosidade do educando, a conscientização deste para inserir-se no mundo de forma crítica, a vocação ontológica do ser humano de “ser mais”, dentro de um contexto social em que convivem uma classe opressora e uma classe oprimida. E a libertação do homem enquanto ser oprimido seria via educação.

Diante das experiências vividas e observadas em sua práxis, Freire entendeu que o próprio homem oprimido (e somente ele), participante de uma sociedade ideologicamente opressora, poderia se libertar. Nas palavras de Fiori:

Nessas sociedades, governadas pelos interesses de grupos, classes e nações dominantes, a “educação como prática da liberdade” postula, necessariamente, uma “pedagogia do oprimido”. Não pedagogia para ele, mas dele. Os caminhos da liberação são os do oprimido que se libera: ele não é coisa que se resgata, é sujeito que se deve autoconfigurar responsabilmente. (Prefácio. In: FREIRE, 2011, p. 11)

O método pedagógico que viabiliza a referida “pedagogia do oprimido” é todo pautado nessa premissa, em que o homem como ser social torna-se consciente de si mesmo, do seu entorno, das contradições em que vive, e de forma dialética se transforma e transforma a sociedade da qual faz parte. E esse processo de conscientização é algo coletivo, posto que o homem vive no mundo e com o mundo. Conforme afirma Fiori:

Paulo Freire não inventou o homem; apenas pensa e pratica um método pedagógico que procura dar ao homem a oportunidade de re-descobrir-se através da retomada reflexiva do próprio processo em que vai ele se descobrindo, manifestando e configurando – “método de conscientização”. Mas ninguém se conscientiza separadamente dos demais. A consciência se constitui como consciência do mundo [...] As consciências não se encontram no vazio de si mesmas, pois a consciência é sempre, radicalmente, consciência do mundo. (Prefácio. In: FREIRE, 2011, p. 20)

O aludido método traz no seu bojo os conceitos de cultura e humanização porque entende que o homem é um ser social, cultural, inserido num mundo repleto de contradições, e, que o homem alijado do processo de alfabetização consciente e libertadora, é subjugado por uma classe dominante que o absorve, desumaniza e o exclui, vivendo numa sociedade que não é dele e nem foi feita para ele. No dizer de Fiori, “todos juntos, em círculo, e em colaboração, re-elaboram o mundo e, ao reconstruí-lo, apercebem-se de que, embora construído também por eles, esse mundo não é verdadeiramente para eles. Humanizado por eles, esse mundo não os humaniza” (Prefácio. In: FREIRE, 2011, p. 24). Dito isso, percebemos que, em contrapartida, o método Paulo Freire propõe o encontro do homem consigo mesmo, com seus pares, e com sua cultura, que é produto de sua vivência social, tornando-o co-participante e responsável pela transformação da sociedade. Fiori ratifica essa realidade quando diz:

Alfabetizar-se é aprender a ler essa palavra escrita em que a cultura se diz e, dizendo-se criticamente, deixa de ser repetição intemporal do que passou, para temporalizar-se, para conscientizar sua temporalidade constituinte, que é anúncio e promessa do que há de vir. (Prefácio. In: FREIRE, 2011, p. 25)

Paulo Freire entende que ninguém educa ninguém e ninguém se educa sozinho, por isso a premissa que irá embasar e orientar todo o método é o diálogo. Segundo afirma Brandão:

Paulo Freire pensou que um método de educação construído em cima da idéia de um diálogo entre educador e educando, onde há sempre partes de cada um no outro, não poderia começar com o educador trazendo pronto, do seu mundo, do seu saber o seu método e o material da fala dele”. (BRANDÃO, 1981, p.21)

1.1. CONTEXTO HISTÓRICO DA APLICAÇÃO DO MÉTODO PAULO FREIRE

Paulo Freire, nascido e criado no nordeste do Brasil, viveu desde cedo as agruras do povo brasileiro no que diz respeito à educação, saúde e moradia. Perdeu o seu pai aos 13 anos de idade, o que o fez experimentar privações financeiras, dentro de um quadro de crise mundial, a quebra da bolsa de Nova York. Mas também experienciou a solidariedade de muitos que ajudaram a sua mãe na criação dos filhos. Mudou-se para uma região mais pobre, passou fome, estudou com dificuldade, atrasou-se nos estudos. Mas todas essas experiências foram proveitosas para formar o homem que mudaria a história da educação no Brasil. Passaria por outras piores, mas nenhuma delas teve o poder de paralisá-lo, ao contrário, elas

impulsionaram-no e serviram de base para endossar toda a sua teoria que convivia com a prática todo o tempo.

Formou-se em Direito, mas desistiu da carreira para ingressar no magistério, e crescer na vida acadêmica. Foi convidado em 1947 para trabalhar no SESI, o que lhe conferiu proximidade com a realidade dos trabalhadores e sua educação. Também foi membro do Conselho de Educação de Recife e alguns anos depois, diretor da Divisão de Cultura e Recreação da Prefeitura Municipal de Recife. Sempre foi um homem do povo, que conviveu e ouviu o povo e lutou por ele durante toda a sua vida. E por isso não se fechou dentro de escolas e universidades, mas engajou-se em movimentos sociais que lhe deram respaldo e base para o método que criaria posteriormente.

Extrapolando a área acadêmica e institucional, Freire engajou-se nos movimentos de Educação Popular. Foi um dos fundadores do Movimento de Cultura Popular (MCP) do Recife e nele trabalhou, juntamente com outros intelectuais, buscando valorizar a cultura popular e promover a participação das massas na vida da sociedade brasileira e em seu processo de democratização. Foi com esse trabalho que foram lançadas as sementes do Método Paulo Freire, com o autor assessorando as campanhas de alfabetização em várias regiões do nordeste brasileiro, a exemplo de Natal e Angicos, no estado do Rio Grande do Norte. (ZITKOSKI, 2006, p.91)

A teoria e prática de Paulo Freire consubstanciadas no seu método de alfabetização tinham como pano de fundo um país efervescente em suas questões sócio-políticas-econômicas. O governo populista de João Goulart, no início dos anos 60, ofereceu condições para que esses movimentos de massa acontecessem, os setores de base se organizassem, e os sindicatos rurais e urbanos fossem criados e ampliados.

A atmosfera da qual se impregnou a cultura contagiou a educação. O Movimento de Educação de Base (MEB), por exemplo, já no início dos anos 60, dirigia-se às classes trabalhadoras, com o objetivo de ampliar o universo cultural e educacional de amplos setores da população. A esquerda participou mais ativamente desse movimento, e a União Nacional dos Estudantes (UNE) liderava grande parte do programa... Os Movimentos de Cultura Popular (MCPs) também se pautaram nos mesmos objetivos de ampliar o universo cultural dos segmentos populares brasileiros. (BOMENY, 2003, p. 57 e 58)

Nesse contexto, o método Paulo Freire surge e é colocado em prática, inicialmente no Nordeste, região mais pobre do Brasil e possivelmente com maior quantidade de analfabetos do país. A educação conscientizadora e libertadora proposta por Freire era coerente com os movimentos de cultura popular que se faziam presentes no início dos anos 60. As primeiras

experiências de base do seu método de alfabetização aconteceram em Angicos, Rio Grande do Norte, através do Serviço de Extensão Universitária da Universidade Federal de Pernambuco, do qual participaram alguns professores voluntários. Ao final de 45 dias, 300 trabalhadores tinham sido alfabetizados pelo método Paulo Freire, pelo qual eram consideradas suas experiências de trabalho e de vida, baseando-se no diálogo e na conscientização dos educandos. E esta experiência ficou conhecida por muitos, vindo a extrapolar as divisas do estado do Rio Grande do Norte. Chegou aos ouvidos dos governantes e da opinião pública que reconheceram o seu valor e praticidade, alcançando as massas tão alijadas do processo educacional até então. Veio ao encontro de todos os movimentos sociais, políticos e estudantis que se faziam na época, e endossando o que mais tarde Paulo Freire chamaria de “inérito viável”. Era um novo conceito de educação, que não objetivava, como o MOBRAL, posteriormente, somente a possibilidade da leitura e escrita básica, e sim a inserção do homem na sociedade em que vivia, por meio de sua conscientização realizada durante a alfabetização:

Os resultados obtidos – 300 trabalhadores alfabetizados em 45 dias – impressionaram profundamente a opinião pública. Decidiu-se aplicar o método em todo o território nacional, mas desta vez com o apoio do Governo Federal. E foi assim que, entre junho de 1963 e março de 1964, foram realizados cursos de formação de coordenadores na maior parte das Capitais dos Estados brasileiros... O plano de ação de 1964 previa a instalação de 20.000 círculos de cultura, capazes de formar, no mesmo ano, por volta de 2 milhões de alunos. (FREIRE, p. 18-19)

Em 1963, então, Paulo Freire foi convidado por Paulo de Tarso Santos, Ministro da Educação, para participar do planejamento e implantação de uma campanha nacional de alfabetização de jovens e adultos, o Programa Nacional de Alfabetização. Este programa foi apoiado pelo governo de João Goulart e endossado pelo MEC, e intencionava alfabetizar cinco milhões de adultos em todo o país. No início de 1964, quando as equipes de educadores estavam prontas para iniciar o programa de alfabetização, as forças militares tomaram o país, fechando gráficas, invadindo universidades, depondo políticos, prendendo professores e estudantes, decretando o fim da democracia no país.

Não houve tempo para passar das primeiras experiências para os trabalhos de amplo fôlego com a alfabetização de adultos. Em fevereiro de 1964, o governo do Estado da Guanabara apreendeu na gráfica milhares de exemplares da cartilha do Movimento de Educação de Base: *Viver é Lutar*. Logo nos primeiros dias de abril, a Campanha Nacional de Alfabetização, idealizada sob direção de Paulo Freire, pelo governo deposto, foi denunciada publicamente como “perigosamente subversiva”. Em tempo de baioneta a cartilha que se cale. Aqueles foram anos – cada vez piores,

até 1968 – em que por toda a parte educadores eram presos e trabalhos de educação, condenados. (BRANDÃO, 1981, p.19)

Paulo Freire foi considerado subversivo, baderneiro, contraventor da ordem pública e por isso convidado a sair do país. Ficou exilado durante 16 anos. Mas o que poderia ser considerado fracasso e esquecimento futuro foi transformado em prodigiosa experiência prática e produção literária daquilo que já tinha sido gerado no Brasil. Ganhou força, reconhecimento, e vitalidade. Voltou ao Brasil para continuar fazendo história, ocupando os melhores cargos da educação, sem contudo deixar de relacionar-se com a população de base e continuar acreditando na revolução cultural do seu país. Isso veio provar que o Método Paulo Freire não era um modismo educacional, mas atravessou épocas diferentes do século XX e não se extinguiu; e, ainda hoje, pode ser colocado em prática com as devidas adequações.

1.2. AS ETAPAS DO MÉTODO PAULO FREIRE

De forma diferente dos métodos de alfabetização tradicionais, que têm sua base ideológica e técnica na escolástica, o método Paulo Freire preconiza a dialética do ser humano que é um ser social e histórico, e o seu inacabamento. Por isso, é um método que se refaz a cada momento em que é utilizado, em cada comunidade onde é aplicado. Não é fechado, pronto, concluído, porque pressupõe que o homem se constrói, se forma e se historiciza nas suas relações com o mundo, donde conclui-se que não pode receber um conteúdo educacional hermético e feito por outros. Exatamente por isso, no método Paulo Freire, não existem cartilha, material didático, questionário de pesquisa, avaliação ou qualquer outra ferramenta pedagógica pronta. Aliás, esse procedimento é condição *sine qua non* para que o método possa existir e ser usado de forma bem sucedida.

Trataremos aqui das etapas do método Paulo Freire para seu melhor entendimento e para destrincharmos os seus desdobramentos. Mas com certeza, como prevalece o sentido dialético em toda a sua extensão, essas etapas se entrelaçam e se misturam; não são estanques. Possuem, no entanto, uma ordem cronológica para que o processo de ensino-aprendizagem aconteça de maneira completa e significativa tanto para quem aprende, quanto para quem ensina.

A pedagogia de Paulo Freire está baseada no pressuposto de que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 2011, p. 95). Essa premissa irá permear todas as etapas do método Paulo Freire, do início ao fim, e ele entende que não pode ser de outra maneira, porque senão pode se cair no engodo da educação tradicional que pressupõe a existência de alguém que sabe mais e o que nada sabe, e por isso precisa aprender. Para Freire, a educação nunca é verticalizada, de cima para baixo, mas entende que os homens que se relacionam entre si e com o mundo, e por isso todos devem participar ativamente do seu próprio processo de educação. Como dissemos anteriormente, nenhuma parte do método está pronta ou fechada, mas deve ser “preparada” de forma conjunta, numa relação intrínseca entre educador e educando. E para isso o diálogo é parte fundamental do processo.

A primeira etapa do método é a investigação temática, que é a pesquisa extensiva e meticulosa do conteúdo falado entre os homens e mulheres da comunidade onde será aplicado o método de alfabetização. Leva-se em conta a sua cultura, seus modos de falar, de entender o mundo, seus mitos, suas percepções. Este é um momento que requer cuidado e atenção, pois esta investigação não deve ser invasiva ou tomada de prepotência. No dizer de Carlos Brandão:

Assim, nas primeiras experiências, depois de a comunidade aceitar envolver-se com o trabalho de alfabetização, a tarefa que inicia a troca-que-ensina é uma pequena pesquisa. É um trabalho coletivo, co-participado, de construção do conhecimento da realidade local: o lugar imediato onde as pessoas vivem e irão ser alfabetizadas. (BRANDÃO, 1981, p. 24)

Nos diversos livros de Paulo Freire esta etapa ganhou outros nomes, “mas sempre permaneceu viva a mesma ideia: a ideia de que há um universo de fala da cultura da gente do lugar, que deve ser: investigado, pesquisado, levantado, descoberto.” (BRANDÃO, 1981, p. 24-25). Essa fase é de suma importância, pois entende-se que a realidade do educando que está inserido nessa comunidade precisa ser pesquisada, analisada, entendida, posto que será a base do conteúdo programático, estudado através da codificação e decodificação. Este contato inicial é feito com a aceitação e envolvimento da comunidade, onde algumas pessoas por livre e espontânea vontade aderem ao grupo de investigadores, num momento coletivo, como diz o próprio Freire “agentes de educação e as gentes da comunidade” (BRANDÃO, 1981, p. 29). E esta relação educador-educando, que se traça desde o início, é muito importante para o desenvolvimento e sucesso do método, que se faz de forma coletiva e dialética. Eles

perceberão que tudo o que for proposto na fase de codificação e decodificação é fruto da investigação temática, é retirado da realidade cultural e antropológica deles. E isso confere significado a tudo o que será aprendido e trocado no processo de ensino-aprendizagem proposto pelo método. Nenhuma palavra ou discussão está alijada do cotidiano da comunidade em questão, e por isso mesmo o método não pode ser formatado ou sistematizado para ser aplicado da mesma forma, com o mesmo conteúdo em diversas comunidades e locais diferentes. Ele é singular no seu preparo e utilização. Como disse Carlos Brandão:

Das muitas conversas com o mundo da comunidade: pessoas, casais, famílias, pequenos grupos, equipes locais, todas as situações de vida e trabalho podem ser exploradas. É tão importante saber como os lavradores do lugar fazem o seu trabalho com a terra, como saber de que modo as mulheres guardam a sabedoria do cuidado de seus filhos. O vivido e o pensado que existem vivos na fala de todos, todo ele é importante: palavras, frases, ditos, provérbios, modos peculiares de dizer, de versejar ou de cantar o mundo e traduzir a vida (BRANDÃO, 1981, p. 26)

Outra questão que está implícita na investigação temática é o que se pretende pesquisar, ou melhor, quem é o sujeito e o objeto dessa pesquisa, pois o esclarecimento dessas instâncias irá definir o tipo de investigação que será feita, que deve ser sempre favorável ao educando. Paulo Freire expressa muito claramente essa relação quando diz:

Esta é a razão pela qual (em coerência ainda com a finalidade libertadora da educação dialógica) não se trata de ter nos homens o objeto da investigação, de que o investigador seria o sujeito. O que se pretende investigar, realmente, não são os homens, como se fossem peças anatômicas, mas o seu pensamento-linguagem referido à realidade, os níveis de sua percepção desta realidade, a sua visão do mundo, em que se encontram envolvidos seus temas geradores (FREIRE, 2011, p. 121-122)

E ainda:

Por isso é que, para nós, o risco da investigação não está em que os supostos investigados se descubram investigadores, e, desta forma, “corrompam” os resultados da análise. O risco está exatamente no contrário. Em deslocar o centro da investigação, que é a temática significativa, a ser objeto da análise, para os homens mesmos, como se fossem coisas, fazendo-os assim objetos da investigação (FREIRE, 2011, p. 138-139)

Com a investigação temática não se deseja entender e anotar o modo de falar ou os trejeitos da comunidade, mas de forma muito mais profunda, captar a forma de pensar das

pessoas que compõem essa comunidade, suas relações inter-pessoais, suas subjetividades, sua forma de ver o mundo e de se relacionar com ele, conforme afirma Freire:

A investigação da temática, repitamos, envolve a investigação do próprio pensar do povo. Pensar que não se dá fora dos homens, nem num homem só, nem no vazio, mas nos homens e entre os homens, e sempre referido à realidade. Não posso investigar o pensar dos outros, referido ao mundo, se não penso. Mas, não penso autenticamente se os outros também não pensam. Simplesmente, não posso pensar pelos outros nem para os outros, nem sem os outros. A investigação do pensar do povo não pode ser feita sem o povo, mas com ele, como sujeito do seu pensar. (FREIRE, 2011, p. 140 e 141)

Após esse contato vasto e proveitoso com a comunidade, e várias reuniões para discutir o que foi observado em campo, parte-se para o momento seguinte que é a escolha das palavras e temas geradores. Recebem o nome de geradoras porque serão a base objetiva que irá gerar novas palavras e temas, num desdobramento futuro. As palavras geradoras são escolhidas mediante critérios bem definidos e específicos. Esses critérios estão bem explicados na Fundamentação Teórica do Programa:

A melhor palavra geradora é aquela que reúne em si a maior porcentagem possível dos critérios sintático (possibilidade ou riqueza fonêmica, grau de dificuldade fonêmica complexa, de manipulabilidade dos conjuntos de sinais, as sílabas, etc), semântico (maior ou menor intensidade do vínculo entre a palavra e o ser que designa, maior ou menor adequação entre palavra e ser designado, etc), pragmático (maior ou menor teor de conscientização que a palavra trás em potencial, ou conjunto de reações sócio-culturais que a palavra gera na pessoa ou grupo que a utiliza. (BRANDÃO, 1981, p. 31)

Essas palavras são retiradas da realidade da comunidade que foi pesquisada e por isso são carregadas de significado e importância para os educandos que lá vivem. Dessa forma, a etapa posterior (codificação e decodificação) poderá ser feita de forma ágil e prazerosa, pois os educandos se verão, se reconhecerão nas palavras geradoras. Mas os dois primeiros critérios de escolha, o sintático e o semântico, não podem ser deixados de lado, mas precisam ser considerados, pois eles darão condições para o educando de ser alfabetizado em sua língua, e dessa forma inserir-se criticamente na sociedade em que vive. Esse é o objetivo maior da pedagogia de Paulo Freire, alfabetizar, conscientizar e inserir o homem na sociedade, para que ele possa transformá-la.

Após algumas reuniões em grupo com os investigadores temáticos, que envolvem os educadores e educandos, são escolhidas algumas palavras e temas geradores. Segundo

Brandão, o processo de codificação, que será a base do processo de decodificação, se inicia neste momento:

... estas poucas palavras codificam o modo de vida das pessoas dos lugares onde a “descoberta” foi feita. Para serem decodificadas num outro momento de descoberta, o do círculo de cultura, a cada palavra foi associado um núcleo de questões, ao mesmo tempo existenciais (ligadas à vida) e políticas (ligadas aos determinantes sociais das condições da vida).¹ (BRANDÃO, 1981, p. 33)

Ou seja, as palavras que servirão para alfabetizar um grupo de pessoas de uma determinada comunidade são únicas porque codificam o modo de vida daquelas pessoas que se relacionam naquele contexto social. Por isso o método Paulo Freire jamais poderá ser utilizado da mesma forma em todos os lugares, por mais que sejam similares. Assim também são com os temas geradores que dizem respeito às questões cotidianas da vida de uma determinada comunidade. Conforme afirma Brandão:

... estes temas concretos da vida que espontaneamente aparecem quando se fala sobre ela, sobre seus caminhos, remetem a questões que sempre são as das relações do homem: com o seu meio ambiente, a natureza, através do trabalho; com a ordem social da produção de bens sobre a natureza; com as pessoas e grupos de pessoas dentro e fora dos limites da comunidade, da vizinhança, do município, da região; com os valores, símbolos, idéias. (BRANDÃO, 1981, p. 37-38)

Partindo dessa premissa, os educadores irão confeccionar fichas de cultura que “são desenhos feitos em cartazes ou projetados em slides. Uma após a outra, elas provocam os primeiros debates, as primeiras trocas de ideias entre o animador e os educandos, ou entre os educandos.” (BRANDÃO, 1981, p. 41). Estes desenhos são codificações das palavras geradoras, ou seja, são representações figurativas das palavras geradoras que serão discutidas e ensinadas no círculo de cultura. Desta forma, o educando, ao entrar em contato com o desenho e a respectiva palavra, fará a conexão entre os dois enquanto se discute o sentido pragmático desta palavra para ele como ser social, e o processo de alfabetização acontecerá de maneira consequente. Essas fichas de cultura podem ser feitas pelos educadores ou pelos próprios educandos, sejam elas desenhos ou fotos, mas precisam sempre retratar a realidade na qual a comunidade está inserida.

¹ Círculo de cultura é uma expressão criada por Paulo Freire que substitui a palavra e a estrutura de sala de aula tradicional, onde os educandos e o educador se encontram, discutem, aprendem e ensinam. O formato é de um círculo, colocando no mesmo patamar de aprendizado os educadores e educandos. E o círculo é de ‘cultura’ porque é um local onde as formas de viver, de pensar e produzir dos educandos são discutidas e repensadas.

Os participantes do círculo são convocados e iniciam-se os encontros de ensino e aprendizagem. Num primeiro momento o educador expõe e discute a proposta de alfabetização e logo depois as fichas de cultura são mostradas por ele aos educandos. O educador, também chamado por Freire de animador, inicia uma discussão a partir da primeira ficha de cultura: “Sugere que digam o que estão vendo: o que a figura mostra? Quais são as partes, os elementos dela? O que será que ela quer dizer? Com o que é que parece?” (BRANDÃO, 1981, p. 45). Para Freire, o diálogo é parte inerente ao processo de ensino-aprendizagem, e só acontece verdadeiramente se educandos e educadores dialogarem, questionarem um ao outro, pensarem e repensarem a vida através da discussão. Não há outra forma de se “fazer” educação. Desta maneira as fichas de culturas são mostradas e discutidas uma após a outra, num tempo próprio, na medida em que o grupo processa o conhecimento e analisa a própria realidade. No dizer de Carlos Brandão:

Estas são as finalidades das fichas de cultura, que sugerem os debates a partir das imagens das situações existenciais: levar o grupo de educandos a rever criticamente conceitos fundamentais para pensar-se e ao seu mundo; motivá-lo para assumir, crítica e ativamente, o trabalho de alfabetizar-se.” (BRANDÃO, 1981, p. 50)

O papel do educador no círculo de cultura é propor questionamentos, inserir perguntas, orientar a discussão, ele deve ser um facilitador e não aquele que detém o saber, ou seja, “o animador deve sempre evitar fazer para ou por. Deve criar as situações em que, com a sua ajuda, o grupo faça o trabalho de pensar, de refletir coletivamente. Por isso ele não guia, mas favorece, orienta” (BRANDÃO, 1981, p. 51). Nisso consiste a decodificação, em que os educandos identificam as palavras por meio das figuras, enquanto discutem o significado delas no contexto em que vivem. Inicialmente é mostrada a figura, discute-se sobre ela e depois parte-se para a palavra que codifica a figura. A discussão continua com base na palavra exposta, sempre trazendo questões relacionadas ao cotidiano do educando. Depois, o educador mostra um cartaz com os fonemas que formam a palavra, e em seguida a família silábica desses fonemas. Ele repetirá em voz alta a família silábica dos fonemas, seguindo a ordem das vogais e em todas as direções, e solicita que os educandos façam o mesmo, sentados ou em pé mostrando o que leem no cartaz. Como disse Brandão: “todos veem, leem e repetem com o monitor, sozinhos, em coro. A mão acompanha agora os pedaços, saltando de um para o outro.” (BRANDÃO, 1981, p. 58) Quando perceber que o grupo aprendeu e absorveu os fonemas mostrados, ele pode sugerir que algumas pessoas tentem construir novas

palavras com estes fonemas de forma livre, após exemplos dados pelo próprio educador. O educador repetirá o processo com todas as palavras geradoras.

O coordenador do círculo deve construir apenas poucas palavras. Deve mostrar, sem ensinar como, uma lógica, um processo de reconstrução de palavras. Se no meio de seu trabalho alguém quiser formar uma palavra, tudo bem. Que ele faça. De novo deve incentivar o grupo a que faça o trabalho de criar outras palavras, ou de recriar as mesmas que ele acabou de formar. As pessoas podem ser convidadas a fazerem como ele, a virem na frente pra tentar a coisa. Alguns chegam perto, apontam pedaços, formam palavras... (BRANDÃO, 1981, p. 61)

A problematização ocorre enquanto a decodificação é feita, alias, todas as etapas do método se entrelaçam, se imiscuem, não são estanques, separadas. A educação proposta por Paulo Freire é problematizadora, questionadora, inquisitória, o tempo todo dialética. Não é de forma nenhuma estática, nem linear. E a problematização só acontece mediante o diálogo, a troca humilde e transformadora que se dá entre o educador e o educando, e entre o educando e o mundo. O pano de fundo da problematização é a reflexão tão incentivada pelo método Paulo Freire, em que educador e educando se debruçam sobre o mundo, percebem e assimilam novos conceitos, e reformulam sua realidade interna. Com relação a estes aspectos, Paulo Freire, pondera, ainda:

(...) enquanto a prática bancária, como enfatizamos, implica uma espécie de anestesia, inibindo o poder criador dos educandos, a educação problematizadora, de caráter autenticamente reflexivo, implica um constante ato de desvelamento da realidade. (FREIRE, 2011, p. 97).

E essa percepção do mundo e da subjetividade humana, na qual o homem dialoga com os seus limites e possibilidades existenciais, possibilita a transformação de sua própria realidade e o mundo que o cerca. Também no dizer de Freire:

A educação problematizadora se faz, assim, um esforço permanente através do qual os homens vão percebendo, criticamente, como estão sendo no mundo com que e em que se acham. Se, de fato, não é possível entendê-los fora de suas relações dialéticas com o mundo, se estas existem independentemente de como as percebem, é verdade também que a sua forma de atuar, sendo esta ou aquela, é função, em grande parte, de como se percebam no mundo. (FREIRE, 2011, p. 100)

No círculo de cultura, a problematização se dará na medida em que o educando for tomando consciência da sociedade na qual está inserido, de suas contradições, e da

necessidade de superação da realidade opressora através de ações de cunho social, político e cultural. Enquanto o educando entra em contato com as figuras e respectivas palavras, é discutido o que elas representam para ele e para a comunidade, já que foram retiradas de sua realidade. O grande salto pedagógico do método Paulo Freire é essa conexão entre o que é lido e escrito, e a tomada de consciência do valor que existe nas palavras lidas e escritas. Daí o ato de alfabetizar é um ato de conscientizar, de problematizar a existência. No momento em que são expostas para o educando as famílias de fonemas que formam as palavras e lhe é possibilitado criar novas palavras, na verdade ele está “dizendo a sua palavra”, está verbalizando a sua existência. E tendo a possibilidade de mudar a sua existência no mundo, conforme afirma Paulo Freire:

Os homens, pelo contrário, ao terem consciência de sua atividade e do mundo em que estão, ao atuarem em função de finalidades que propõem e se propõem, ao terem o ponto de decisão de sua busca em si e em suas relações com o mundo, e com os outros, ao impregnarem o mundo de sua presença criadora através da transformação que realizam nele, na medida em que dele podem separar-se, e separando-se, podem com ele ficar, os homens ao contrário do animal, não somente vivem, mas existem e sua existência é histórica. (FREIRE, 2011, p. 124)

A conscientização e transformação do homem como ser social e político deve ser a finalidade última da educação, na visão de Paulo Freire. Nesse sentido, ele descreve a fala de um educando que participou de um círculo de cultura:

Talvez seja eu, entre os senhores, o único de origem operária. Não posso dizer que haja entendido todas as palavras que foram ditas aqui, mas uma coisa posso afirmar: cheguei a esse curso ingênuo e, ao descobrir-me ingênuo, comecei a tornar-me crítico. Essa descoberta, contudo, nem me fez fanático, nem me dá a sensação de desmoronamento. (FREIRE, 2011, p. 32)

Através da educação, o homem é conscientizado de sua vocação ontológica de “ser mais” e do seu papel na sociedade, papel esse que não pode ser desempenhado por ninguém, por nenhuma instância superior, e sim por ele mesmo. Desta forma, o objetivo da educação seria conscientizar o ser humano, através da problematização de sua existência, tornando-o crítico e não mais ingênuo diante da sociedade que o cerca.

2. CONTRIBUIÇÕES PEDAGÓGICAS DO MÉTODO PAULO FREIRE

O modelo escolar adotado pelo Brasil desde a época da colonização baseou-se na escolástica, criado na Idade Média, em que, na educação, não eram permitidos nem estimulados o questionamento, a análise do conteúdo, nem a troca entre professor e aluno. Esse modelo vem sendo aplicado nas diversas escolas brasileiras, passando por inúmeras análises e críticas, mas sendo modificado de forma superficial, e por isso continuando a apresentar os mesmos problemas de base, como currículo, metodologia, avaliação, conteúdo, relação entre professor-aluno, entre outros. Vários educadores e profissionais afins, entre eles Paulo Freire, pensaram e discutiram a educação com o objetivo de mudá-la para que todos tivessem maior proveito e pudessem realmente crescer como seres sociais.

Em suas observações e práticas, Paulo Freire entendeu a educação de forma diferenciada do que era praticado nas escolas. Ele propôs uma nova pedagogia, baseado em novos pressupostos, que ele viu ser possível em sua práxis, quando praticava e teorizava a educação. Destacaremos alguns desses pressupostos básicos da pedagogia de Paulo Freire, que estavam presentes em todas as etapas do método freireano, e traçaremos um paralelo com a pedagogia tradicional aplicada no Brasil.

2.1. PRESSUPOSTOS BÁSICOS DA PEDAGOGIA DE PAULO FREIRE

Segundo Paulo Freire, o conhecimento não é um pacote fechado que deve ser entregue pelo professor ao aluno. O conhecimento, para ele, é algo dinâmico e, por isso, não há como ser transmitido de uma pessoa para outra apenas, mas sim construído de forma crítica e conjunta. Nessa perspectiva, ele afirma que:

É preciso, sobretudo, e aí vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção. (FREIRE, 1996, p. 22).

Nesse fragmento, Paulo Freire ressalta a necessidade do educando se convencer de que ele faz parte do processo do conhecimento, de que ele é sujeito desse processo e não um

objeto, de que ele produz o saber e não recebe o saber pronto. Assim, algo importante a se destacar é o conceito de “ensinar” como sendo a criação de possibilidades para que a construção do conhecimento aconteça, e esse é o papel do educador, que deixa de ser aquele que transfere o conhecimento, para ser o facilitador, o orientador na produção do saber, cujo sujeito é o aluno. O educador, por assim dizer, desce do “palco” e permite que o educando suba, para que ele exerça o papel de protagonista do conhecimento. Na pedagogia tradicional, não progressista, isso não é possível. O professor é visto como o indivíduo que detém o saber, que sabe infinitamente mais que o aluno, e que este entra na escola para obter conhecimento porque nada sabe, e por isso não tem com o que contribuir. Nesse posicionamento, o conhecimento não é construído, mas é doado, é transferido, como um depósito feito pelo professor na mente do aluno. Por isso, Paulo Freire subverte essa perspectiva ao descrever o papel do educador e do educando:

Ninguém pode conhecer por mim mesmo assim como não posso conhecer pelo aluno. O que posso e o que devo fazer é, na perspectiva progressista em que me acho, ao ensinar-lhe certo conteúdo, desafiá-lo a que se vá percebendo na e pela própria prática, sujeito capaz de saber. (FREIRE, 1996, p. 124)

Ressalta-se o respeito que o educador deve ter pelo saber do educando, que deve ser instigado durante as aulas, e interligado com o conteúdo que se pretende ensinar. É precisamente este respeito que ajuda o educador a entender que o saber é construído e não dado. O currículo escolar e a metodologia educacional deveriam estar calcados nesta premissa, em que o aluno fizesse parte do conteúdo programático e pudesse questioná-lo juntamente com o educador. Como disse Freire:

... pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. (FREIRE, 1996, p. 30)

Outro pressuposto da pedagogia freireano, a meu ver importantíssimo, é que o educador deve, em sua prática, despertar a curiosidade no educando, e por isso o conteúdo não pode ser algo pronto, fechado, acabado, nem pode dispensar a vivência do educando como ser sócio-político-cultural. O conteúdo, a metodologia, a forma de avaliação, devem estimular, provocar o educando para que ele se torne realmente desejoso de conhecer, de

aprender. Caso contrário, ele esquecerá o que aprendeu em pouco tempo. Uma vez instigada a sua curiosidade, a busca pelo conhecimento é uma consequência inevitável e rápida, considerando a curiosidade como algo intrínseco a essência humana. No dizer de Freire:

Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino... Com a curiosidade domesticada posso alcançar a memorização mecânica do perfil deste ou daquele objeto. (FREIRE, 1996, p. 85)

E ainda:

O exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar, na busca da perfilização do objeto ou do achado de sua razão de ser... Satisfeita a minha curiosidade, a capacidade de inquietar-me e buscar continua de pé. Não haveria existência humana sem abertura de nosso ser ao mundo, sem a transitividade de nossa consciência. (FREIRE, 1996, p. 88)

Nessa perspectiva, o verdadeiro educador não tem medo de perguntas, de questionamentos vindos dos educandos, muito pelo contrário, ele irá instigar o lado inquiridor, rebelde, crítico do educando, porque só assim o educando aprenderá ensinando e o educador terá condições de ensinar aprendendo. Como disse Freire (1996, p. 47), “quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento”. O educando responde de maneira favorável, saindo de uma posição cômoda de receptor e arriscando-se frente ao conhecimento. Na pedagogia tradicional, percebe-se que essa premissa não é sequer apreciada quanto mais estimulada. Por conta da quantidade de conteúdo, do tempo disponível para “transferir” esse conteúdo, da didática aplicada, a última coisa que se pensa em sala de aula é a curiosidade do aluno. Não há espaço para “presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes” (FREIRE, 1996, p. 26).

Outro aspecto interessante da pedagogia de Paulo Freire é a humildade que deve permear o discurso e a prática do educador. Humildade no sentido de perceber o outro como igual, de lidar com a diversidade do ser humano como algo enriquecedor e não ameaçador, de respeitar os educandos na suas escolhas e na sua cultura. Se não for assim, o diálogo em sala

de aula torna-se impossível, ou torna-se superficial, e não algo natural e imprescindível para que o processo de ensino-aprendizagem aconteça. O educador precisa ter humildade para escutar o seu aluno de maneira verdadeira, entendendo que ele tem vivências diferentes que irão agregar ao aprendizado. Como disse Paulo Freire:

Se a estrutura do meu pensamento é a única certa, irrepreensível, não posso escutar quem pensa e elabora seu discurso de outra maneira que não a minha. Nem tampouco escuto quem fala ou escreve fora dos padrões da gramática dominante. E como estar aberto às formas de ser, de pensar, de valorar, consideradas por nós demasiado estranhas e exóticas de outra cultura? [...] A humildade exprime, pelo contrário, uma das raras certezas de que estou certo: a de que ninguém é superior a ninguém. A falta de humildade, expressa na arrogância e na falsa superioridade de uma pessoa sobre a outra, de uma raça sobre a outra, de um gênero sobre o outro, de uma classe ou de uma cultura sobre a outra, é uma transgressão da vocação humana do ser mais. (FREIRE, 1996, p. 121)

No modelo escolar tradicional não se pratica de forma genuína nem se estimula o desenvolvimento deste sentimento nas relações professor-aluno. Isso é visto na disposição estrutural da sala de aula, na escolha do currículo, na metodologia utilizada, e principalmente na ideologia que atravessa os conteúdos. O aluno não é realmente escutado, não é ‘trazido’ para dentro do conteúdo, não é respeitado enquanto um ser único que traz consigo uma diversidade cultural enorme que deve ser aproveitada dentro de sala de aula.

Paulo Freire, em suas análises, traça um paralelo sobre alguns pontos que a educação tradicional entende como antagônicos. Ele analisa como a afetividade e o rigor, a autoridade e a liberdade podem e devem conviver amigavelmente nas práticas educacionais. A afetividade na perspectiva freireana não é o extremo oposto da seriedade, nem a alegria oposta ao rigor, quando se fala de educação nos diversos espaços onde ela exista. O educador deve desenvolver uma relação de afetividade, amorosidade e alegria enquanto ensina, pois quanto mais amoroso for, mais condição terá de ser rigoroso, exigente e firme com os alunos. Uma coisa não contradiz a outra! Mas atualmente percebe-se uma dicotomia a esse respeito na relação professor-aluno, em que são exaltados professores mais exigentes e autoritários, mas pouco afetivos; ou professores dúbios, que são falsamente amorosos e também pouco rigorosos. Da mesma forma, a autoridade deve conviver bem com a liberdade, e o bom educador sabe dosar essas duas práticas. Segundo Freire:

Na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade. Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e “cinzento” me ponha

nas minhas relações com os alunos, no trato dos objetos cognoscíveis que devo ensinar. A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. O que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético de meu dever de professor no exercício de minha autoridade. (FREIRE, 1996, p. 141)

Outro aspecto importante abordado por Freire é a ética. E essa questão é algo mais profundo do que simples valores morais. No fragmento abaixo, ele refere-se a “princípios fundamentalmente éticos da nossa existência”. A ética infelizmente tem sido pouco valorizada na nossa sociedade, e conseqüentemente na escola. Como a escola tem sido tratada como uma empresa (que de fato ela é), o procedimento cobrado e elogiado por parte dos docentes e direção escolar, muitas vezes, não é tão ético, porque tem prevalecido o lucro que o aluno proporciona e não a formação deste. Por conta disso, aprovam-se alunos que não atingiram um bom nível de aprendizagem, que possuem distúrbios de aprendizagem que não foram tratados e comprometeram a aprendizagem, que tiveram péssimo comportamento durante o ano. A ética passa também pela relação de respeito à vivência e esforço do aluno por parte do professor. O bom educador é aquele que não negocia com a formação de seu aluno, e que por isso compromete-se em ensinar respeitando a cultura, a experiência, a liberdade e a curiosidade do aluno.

O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que “ele se ponha em seu lugar” ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos da nossa existência (FREIRE, 1996, p. 59, 60)

Podemos destacar ainda como um pressuposto da pedagogia de Paulo Freire, a importância do educador escutar o educando, como única forma legítima de se relacionar com o mesmo, valorizando a sua fala e suas expectativas diante do mundo.

Se na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com eles. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele, mesmo que, em certas condições, precise de falar a ele. (FREIRE, 1996, p. 113)

Freire entendeu que tanto o educador como o educando tem algo a dizer e por isso os dois têm sempre algo a escutar. E que a formação do ser humano acontece através de um permanente diálogo, onde um fala e outro ouve, e assim consecutivamente. E essa relação só é possível se houver humildade das duas partes, e entendimento de que, como já foi dito, o educando aprende ensinando e o educador ensina aprendendo.

2.2. PEDAGOGIA ANTI-DIALÓGICA OU BANCÁRIA

O conceito de pedagogia, que em sua origem tem um significado diferente do que é compreendido atualmente, é definido da seguinte forma:

Em grego antigo paidós significa “criança” e agodé indica “condução”, aglutinadas e adaptadas ao português elas nos dão a palavra pedagogia. Na Grécia Antiga o paidagogo era o condutor da criança. [...] Ao notarmos a origem da palavra pedagogia, o que importa é ver que ela guarda, ainda hoje, algo do significado utilizado no mundo grego antigo. Quando usamos a palavra pedagogia não estamos nos referindo propriamente ao conteúdo do que é ensinado, mas aos meios de ensino, aos procedimentos para que alguém tenha acesso a um determinado conhecimento de modo a aproveitá-lo da melhor maneira possível. (GHIRALDELLI, 2007, p. 10, 11)

Este conceito nos remete a uma das formas de condução ao conhecimento, bastante questionada por Paulo Freire, que ele chama de anti-dialógica ou bancária. Segundo ele, a pedagogia anti-dialógica é passivadora e não reflexiva, determinista e não revolucionária. É anti-dialógica porque não se baseia nem valoriza o diálogo como única forma de educar, de levar o educando ao conhecimento. Analisando a etimologia da palavra, *diálogo* quer dizer palavra dividida, partilhada entre duas ou mais pessoas. A pedagogia escolar atual não tem feito uso do diálogo para formar os educandos. Como disse Paulo Freire (2011, p. 79), “as relações educador-educandos, na escola, em qualquer de seus níveis (ou fora dela)... apresentam um caráter especial e marcante – o de serem relações fundamentalmente *narradoras, dissertadoras*”. Nessa relação narradora, dissertadora, existe o educador que atua como o narrador e os educandos como meros ouvintes, e essas posições nunca são convertidas.

A pedagogia anti-dialógica entende a realidade como algo estagnado, imutável, e a relação entre os seres humanos e destes com o mundo não é dialética, mas é estável e linear.

Desta maneira, a pedagogia anti-dialógica não poupará esforços para manter o *status quo* nas práticas educacionais, já que o mundo e os homens que nele vivem não apresentam mudanças significativas. E para isso utiliza-se de conteúdos que não dizem respeito à vivência do aluno, como algo que ele não sabe e por isso precisa ‘aprender’. Freire irá questionar essa prática extremamente usual que precisa ser revista, analisada: falar da realidade como algo parado, estático, compartimentado e bem-comportado, quando não falar ou dissertar sobre algo completamente alheio à experiência existencial dos educandos, vem sendo, realmente, a suprema inquietação dessa educação (2011, p. 79). Outro aspecto da pedagogia anti-dialógica é o seu caráter bancário, expressão bastante utilizada por Freire. A pedagogia bancária entende o educador como detentor do conhecimento que é fechado e estagnado, e o educando como depositário deste conhecimento, e que por isso deve ouvir e acolher passivamente o conteúdo ‘depositado’. Como disse Paulo Freire:

Nela, o educador aparece como seu indiscutível agente, como seu real sujeito, cuja tarefa indeclinável é “encher” os educandos dos conteúdos de sua narração. [...] A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão. (FREIRE, 2011, p. 80)

Na educação bancária “o ‘saber’ é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber” (FREIRE, 2011, 81). Ela não visa à transformação, a mudança das consciências e da realidade vigente, não prima pela construção do conhecimento genuíno. Muito pelo contrário, os educandos são controlados no seu pensar e agir, e sendo por isso oprimidos de maneira necrófila. Isso é ratificado na seguinte fala de Freire:

A opressão, que é um controle esmagador, é necrófila. Nutre-se do amor à morte e não do amor à vida. A concepção “bancária”, que a ela serve, também o é. No momento em que se funda num conceito mecânico, estático, especializado da consciência e em que transforma, por isso mesmo, os educandos em recipientes, em quase coisas, não pode esconder sua marca necrófila. Não se deixa mover pelo ânimo de libertar o pensamento pela ação dos homens uns com outros na tarefa comum de refazerem o mundo e de torná-lo mais e mais humano. (FREIRE, 2011, p. 91)

O que se pretende na pedagogia anti-dialógica é a adaptação dos educandos à realidade na qual vivem, sem nenhum tipo de questionamento, crítica, ato rebelde ou contrário

à classe hegemônica, que é opressora. É por isso “que ao educador não cabe nenhum outro papel que não o de disciplinar a entrada do mundo nos educandos” (FREIRE, 2011, p. 88).

Nessa perspectiva, Freire comenta:

E porque os homens, nesta visão, ao receberem o mundo que neles entra, já são seres passivos, cabe à educação apassivá-los mais ainda e adaptá-los ao mundo. Quanto mais adaptados, para a concepção bancária, tanto mais educados, porque adequados ao mundo. Esta é uma concepção que, implicando uma prática, somente pode interessar aos opressores, que estarão tão mais em paz, quanto mais adequados estejam os homens ao mundo. E tão mais preocupados, quanto mais questionando o mundo estejam os homens. (FREIRE, 2011, p. 88)

Por conta disso, os opressores têm que controlar de forma minuciosa e veemente o pensar dos oprimidos, com o objetivo de conhecer cada vez mais as expectativas e maneira de pensar deles, e poder oprimi-los mais. A pedagogia anti-dialógica não estimulará no educando o verdadeiro pensar, mas irá controlar o pensamento deste para evitar qualquer tipo de conscientização e mudança. Nas palavras de Freire:

Nas aulas verbalistas, nos métodos de avaliação dos “conhecimentos”, no chamado “controle de leitura”, na distância entre o educador e os educandos, nos critérios de promoção, na indicação bibliográfica, em tudo, há sempre a conotação “digestiva” e a proibição ao pensar verdadeiro. (FREIRE, 2011, p. 89)

Segundo Freire, a pedagogia anti-dialógica possui quatro características básicas de atuação. Uma delas é a conquista do oprimido pelo opressor, “cada vez mais, através de mil formas. Das mais duras às mais sutis. Das mais repressivas às mais adocicadas, como o paternalismo” (FREIRE, 2011, 186). E a classe opressora se utilizará de muitos ‘mitos’ para convencer os oprimidos do seu valor e potencial, quando na verdade não darão espaço para que os oprimidos vençam na vida. Esses mitos irão também justificar o agir das elites dominadoras, colocando-os como “as promotoras do povo, devendo este, num gesto de gratidão, aceitar a sua palavra e conformar-se com ela” (FREIRE, 2011, p. 189). Seguem alguns desses mitos tão veiculados em nossa sociedade:

O mito do direito de todos à educação, quando o número de brasileiros que chegam às escolas primárias do país e o dos que nelas conseguem permanecer é chocantemente irrisório. O mito da igualdade de classe, quando o “sabe com quem está falando?” é ainda uma pergunta dos nossos dias. O mito do heroísmo das classes opressoras, como mantenedoras da ordem que encarna a “civilização ocidental e cristã”, que eles defendem da “barbárie materialista”. (FREIRE, 2011, p. 188)

Outra característica da teoria da ação anti-dialógica é a divisão da classe oprimida para manter a opressão. A classe opressora é sempre contrária a qualquer tipo de união, de agregamento organizado, de movimento coletivo da classe oprimida, posto que são uma ameaça na medida em que os oprimidos param e pensam sobre sua realidade, com o objetivo de agir para mudar. Essa atitude ficou muito clara durante a ditadura militar no Brasil, em que toda e qualquer reunião de estudantes ou profissionais foi proibida veementemente. Freire (2011, p. 190) expressa essa realidade quando diz: “O que interessa ao poder opressor é enfraquecer os oprimidos mais do que já estão, ilhando-os, criando e aprofundando cisões entre eles, através de uma gama variada de métodos e processos”.

A teoria anti-dialógica possui, ainda, outra característica que é a manipulação com o mesmo objetivo de fazer com que a classe oprimida se adapte a realidade e não questione as suas contradições. E para isso a classe opressora fará alguns pactos com a classe oprimida, através de governos e líderes populistas. Como disse Freire (2011, p. 199):

A manipulação aparece como uma necessidade imperiosa das elites dominadoras, com o fim de, através dela, conseguir um tipo inautêntico de “organização”, com que evite o seu contrário, que é a verdadeira organização das massas populares emersas e emergindo. (FREIRE, 2011, p. 199)

E a última característica da pedagogia anti-dialógica, analisada por Freire foi a invasão cultural.

Como não há nada que não tenha seu contrário, na medida em que os invadidos vão reconhecendo-se “inferiores” necessariamente irão reconhecendo a “superioridade” dos invasores. Os valores destes passam a ser a pauta dos invadidos. Quanto mais se acentua a invasão, alienando o ser da cultura e o ser dos invadidos, mais estes quererão parecer com aqueles: andar como aqueles, vestir à sua maneira, falar a seu modo (FREIRE, 2011, p. 206-207)

A invasão cultural pode ser explícita ou velada, e se utiliza de diversos meios de comunicação, com o intuito de “anestésiar as massas populares para que não pensem”, mas sejam pelos opressores dominados.

2.3. PEDAGOGIA DIALÓGICA

A pedagogia de Paulo Freire se baseia na dialogicidade, na palavra dividida, trocada, comungada entre os seres humanos. Na sua visão, não há possibilidade de educação sem diálogo, sem que os homens falem sobre suas vivências construídas diariamente, suas reflexões feitas sobre mundo. Por isso educação é um processo sócio-político-cultural, que considera as relações sociais que acontecem num determinado espaço e tempo. Dessa forma, não pode ser estática, imutável, e verticalizada, mas a educação se constrói de maneira dinâmica e dialética, em que educador e educando falam e são ouvidos o tempo todo. Para Freire (2011), “o diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para *pronunciá-lo*, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu”. Ou seja, dialogar, “dizer a sua palavra” é algo inerente ao processo pedagógico, que visa à transformação do mundo, e não simplesmente à conversa entre pessoas que aprendem. Segundo Paulo Freire, o diálogo, a palavra, possui duas dimensões, ação e reflexão, e entende que uma não prescinde a outra, mas ao contrário, elas se complementam.

Assim é que, esgotada a palavra de sua dimensão de ação, sacrificada, automaticamente, a reflexão também, se transforma em palavreria, verbalismo, blá-blá-blá. Por tudo isso, alienada e alienante. É uma palavra oca, da qual não se pode esperar a denúncia do mundo, pois que não há denúncia verdadeira sem compromisso de transformação, nem este sem ação. Se pelo contrário, se enfatiza ou exclusiviza a ação, com o sacrifício da reflexão, a palavra se converte em ativismo. Este, que é ação pela ação, ao minimizar a reflexão, nega também a práxis verdadeira e impossibilita o diálogo. (FREIRE, 2011, p. 108)

Paulo Freire defenderá a ideia de que o diálogo genuíno no processo pedagógico só será possível se for desenvolvido junto com outras práticas humanizantes, como a humildade, esperança, pensamento crítico, confiança, amor, sentimentos que devem embasar a relação educador-educando.

Conforme disse Paulo Freire, “sendo fundamento do diálogo, o amor é, também diálogo”. Para ele, o diálogo é um ato de amor que não é piegas nem tão pouco manipulador. E isto porque não existe diálogo verdadeiro sem amor, que é um ato de encontro e compromisso com o outro. No dia a dia da escola, o diálogo amoroso deve desembocar numa atitude transformadora tanto do educando como do educador, mudança que atinja a vida deles e de seu entorno. A educação precisa ter esse viés transformador que acontece através do diálogo amoroso.

Porque é um ato de coragem, nunca de medo, o amor é compromisso com os homens. Onde quer que estejam estes, oprimidos, o ato de amor está em comprometer-se com sua causa. A causa de sua libertação. Mas este compromisso, porque é amoroso, é dialógico. [...] Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo. (FREIRE, 2011, p. 111)

Outro ponto importante é a humildade, algo que quem deseja se envolver no processo educativo, precisa possuir. Como disse Freire, “a *pronúncia* do mundo, com que os homens o recreiam permanentemente, não pode ser um ato arrogante”. É necessário ver o outro como um ser que está no mesmo patamar de conhecimento vivenciado, de qualidades, de virtuosidades, de sabedoria. Se o educador vê o educando de forma diferente, e o subestima, o inferioriza, não o valoriza, não conseguirá dialogar verdadeiramente com ele, não conseguirá sequer se aproximar dele. A auto-suficiência precisa ser abolida para que haja verdadeira formação educacional. Vejam os questionamentos de Freire:

Como posso dialogar, se me admito como um homem diferente, virtuoso por herança, diante dos outros, meros “isto”, em quem não reconheço outros eu? Como posso dialogar, se me sinto participante de um gueto de homens puros, donos da verdade e do saber, para quem todos os estão fora são “essa gente”, ou são “nativos inferiores”? Como posso dialogar, se parto de que a pronúncia do mundo é tarefa de homens seletos e que a presença das massas na história é sinal de sua deteriorização que devo evitar? (FREIRE, 2011, p. 111)

E ainda:

Se alguém não é capaz de sentir-se e saber-se tão homem quanto os outros, é que lhe falta ainda muito que caminhar, para chegar ao lugar de encontro com eles. Neste lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam saber mais. (FREIRE, 2011, p. 112)

O diálogo preconizado por Paulo Freire deve ter sua base na fé e esperança no ser humano. A fé é no sentido de crença no poder criativo, transformador, inquietador dos homens, e que deve estar presente antes mesmo de haver diálogo. Segundo Paulo Freire, a fé nos seres humanos deve gerar sua libertação, considerando que parte da sociedade está sendo oprimida e alienada de seus direitos básicos. Nesta perspectiva, o educador deve conscientizar o educando sobre seu poder transformador, e para isso acreditar que ele o possui, desde a educação infantil até os últimos anos de vida acadêmica do educando.

Não há também diálogo se não há uma imensa fé nos homens. Fé no seu poder de fazer e refazer. De criar e recriar. Fé na sua vocação de ser mais, que não é privilégio de alguns eleitos, mas direito dos homens. [...] Está convencido de que este poder de fazer e transformar, mesmo que negado em situações concretas, tende a renascer. Pode renascer. Pode constituir-se. Não gratuitamente, mas na e pela luta por sua libertação. (FREIRE, 2011, p. 112-113)

É importante perceber que se o educador não acreditar que o educando possui esse poder transformador, criador, essa vocação de ser mais, tampouco o educando que está sendo formado acreditará. E como disse Paulo Freire, o educador deve acreditar que esse poder transformador do educando renasce no meio de situações adversas, em sua luta pela libertação. Não é algo pronto, mas que se constitui, se constrói nesse processo de luta.

E a esperança também precisa estar presente no diálogo. Como disse Paulo Freire (2011), “se o diálogo é o encontro dos homens para *ser mais*, não pode fazer-se na desesperança. Se os sujeitos do diálogo nada esperam do seu quefazer, já não pode haver diálogo. O seu encontro é vazio e estéril. É burocrático e fastidioso”.

O diálogo genuíno gera confiança que é um sentimento que deve sempre permear a relação entre educandos e educador. A confiança, segundo Freire, vai sendo gerada e construída na medida em que se desenvolve o amor, a fé, a humildade na relação dialógica. Se a confiança não se instaura ou se quebra no ‘meio do caminho’, é sinal de que os sentimentos citados anteriormente foram mal trabalhados ou inexistiam na relação educador-educando. Como disse Freire:

Um falso amor, uma falsa humildade, uma debilitada fé nos homens não pode gerar confiança. A confiança implica o testemunho que um sujeito dá aos outros de suas reais e concretas intenções. Não pode existir, se a palavra, descaracterizada, não coincide com os atos. Dizer uma coisa e fazer outra, não levando a palavra a sério, não pode ser estímulo à confiança. (FREIRE, 2011, p. 113)

Por fim, o diálogo objetiva o desenvolvimento do pensamento crítico, do pensamento não ingênuo da realidade. Nesse sentido, devemos considerar a relação linguagem-pensamento, onde o homem dialoga consigo mesmo no momento em que pensa, e dialoga com o mundo, quando fala, não de maneira estanque mas simultânea e relacionada. E por isso Freire entende que é possível desenvolver essa criticidade do pensamento através do diálogo crítico, reflexivo entre educador e educando. Segundo Freire:

Finalmente, não há diálogo verdadeiro se não há nos seus sujeitos um pensar verdadeiro. Pensar crítico. Pensar que, não aceitando a dicotomia mundo-homens, reconhece entre eles uma inquebrantável solidariedade. Este é um pensar que percebe a realidade como processo, que a capta em constante devenir e não como algo estático. Não se dicotomiza a si mesmo na ação. “Banha-se” permanentemente de temporalidade cujos riscos não teme. (FREIRE, 2011, p. 114)

O educador que reconhece a realidade como algo mutável, não estático, opressor, não humanizante, que precisa ser mudado, alterado, trans-formado, irá desenvolver durante suas atividades teóricas e práticas o pensamento analítico-crítico sobre a sociedade nos seus educandos. O diálogo, neste sentido, é problematizador, é conscientizador, é libertador!

3. PRESSUPOSTOS POLÍTICO-IDEOLÓGICOS DA EDUCAÇÃO DE PAULO FREIRE

Todo ato pedagógico é um ato político, segundo Paulo Freire. Essa premissa é marcante em sua pedagogia, pois ele entende que não há como dissociar a educação da política; estão intrinsecamente ligadas. Ou seja, as práticas educacionais em nenhum momento são neutras, mas sempre produzirão efeitos e consequências na vida do educando, do educador e na sociedade na qual estão inseridos. No dizer de Zitzoski:

Para Freire a educação nunca poderá ser neutra politicamente. Todo e qualquer projeto pedagógico, ou proposta de educação, e todo e qualquer ato educativo é, fundamentalmente, uma ação política. Ou seja, o educador, ao definir uma determinada metodologia de trabalho, planeja, decide e produz determinados resultados formativo-educacionais que têm consequências na vida dos educandos e na sociedade onde educador e educandos se encontram. (ZITKOSKI, 2006, p.51)

Não há neutralidade político-ideológica na teoria e prática do educador, mas ele sempre se mostrará a favor de quem e contra quem está atuando, se a favor da classe dominante ou da classe dominada. Conforme disse Freire:

É nesse sentido também que, tanto no caso do processo educativo quanto no do ato político, uma das questões fundamentais seja a clareza em torno de a favor de quem e do quê, portanto contra quem e contra o quê, fazemos a educação e de a favor de quem e do quê, portanto contra quem e contra o quê, desenvolvemos a atividade política. Quanto mais ganhamos esta clareza através da prática, tanto mais percebemos a impossibilidade de separar o inseparável: a educação da política. (FREIRE, 1987, p.27)

As questões ideológicas estarão presentes no currículo, na metodologia, nas formas de avaliação, no rigor didático, no plano de aula, enfim, em todas as práticas educacionais seguidas pela equipe pedagógica. Essas práticas estarão embasadas na ideologia da educação bancária, opressora por excelência, neoliberal; ou na ideologia da educação problematizadora, que pretende conscientizar e libertar o ser humano para transformar a sociedade na qual vive.

3.1. A REALIDADE SOCIAL VIGENTE E O PAPEL DA EDUCAÇÃO

Segundo Paulo Freire, a sociedade se encontra dividida em duas classes bem definidas e antagônicas: uma formada por oprimidos e outra por opressores. Esta leitura de mundo baseia-se na filosofia marxista e nas práticas observadas por Freire no Brasil e em outros países. Ideologicamente, a classe opressora é aquela que detém os meios de produção e o capital, e a classe oprimida é formada por aqueles que vendem a força de produção, o seu trabalho, em troca de um salário. Daí dizer que a classe opressora é a dominante e a classe oprimida é a dominada. Freire irá aprofundar estes conceitos, trazendo questões que estão implícitas nas relações sociais como, desumanização, perda dos direitos humanos, medo da liberdade existencial, injustiça social, entre outros, e abordará como a educação tem um papel crucial na libertação tanto do oprimido quanto do opressor, na medida em que denuncia, conscientiza e abre caminhos para a transformação da sociedade vigente. Paulo Freire chamará de pedagogia do oprimido:

Aquela que tem de ser forjada com ele e para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto da reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará. (FREIRE, 2011, p.43)

Segundo Paulo Freire o oprimido introjeta, “hospeda” o opressor dentro de si, vivendo uma dualidade existencial. Enquanto não tem consciência dessa dualidade, não pode lutar contra isso, e se libertar. E a educação problematizadora cumpre o seu papel na medida em que revela o oprimido como um ser duplo, sendo ele mesmo e ao mesmo tempo “hospedando” o opressor. E mostra também que o oprimido teme a liberdade porque deverá trocar o opressor que “hospeda” por sua autonomia. No dizer de Freire:

O grande problema está em como poderão os oprimidos, que “hospedam” o opressor em si, participar da elaboração, como seres duplos, inautênticos, da pedagogia de sua libertação. Somente na medida em que se descubram “hospedeiros” do opressor poderão contribuir para o partejamento de sua pedagogia libertadora. (FREIRE, 2011, p.43)

E ainda:

Os oprimidos, que introjetam a “sombra” dos opressores e seguem suas pautas, temem a liberdade, na medida em que esta, implicando a expulsão desta sombra,

exigiria deles que “preenchessem” o “vazio” deixado pela expulsão com outro “conteúdo” – o de sua autonomia. (FREIRE, 2011, p.46)

Quando se descobrem oprimidos, desumanizados, muitas vezes os oprimidos agredem os seus pares, pois “ao agredirem seus companheiros oprimidos estarão agredindo neles, indiretamente, o opressor também “hospedado” neles e nos outros. Agredem, como opressores, o opressor nos oprimidos” (FREIRE, 2011, p. 68). E em outros momentos, os oprimidos sentem “uma irresistível atração pelo opressor. Pelos seus padrões de vida. Participar desses padrões constitui uma incontida aspiração. Na sua alienação querem, a todo custo, parecer com o opressor. Imitá-lo. Segui-lo.” (FREIRE, 2011, p. 68). Oscilam entre esses sentimentos e atitudes, por conviverem com as duas personalidades dentro de si: a do oprimido e da opressor. E o oprimido possui também uma característica muito peculiar: a autodesvalia. Conforme disse Freire (2011, p. 69): “De tanto ouvirem de si mesmos que são incapazes, que não sabem nada, que não podem saber, que são enfermos, indolentes, que não produzem em virtude de tudo isso, terminam por se convencer de sua “incapacidade”. O educador deve perceber essa dinâmica para melhor trabalhar e conscientizar os seus educandos, de modo que não sejam nem oprimidos nem opressores, e mas sejam livres e vivam de forma autêntica, humanizada e crítica.

Nesse contexto, Paulo Freire irá abordar três momentos vividos pela classe oprimida: imersão, emersão e inserção. A imersão é o estado de alienação no qual o oprimido se encontra, “mergulhado” na realidade opressora, sem nenhuma consciência dos seus direitos como ser humano, da sua força como cidadão, do seu poder de escolha e decisão. “É que a realidade opressora, ao constituir-se como um quase mecanismo de absorção dos que nela se encontram, funciona como uma força de imersão das consciências” (FREIRE, 2011, p. 52). Já a emersão é o movimento de saída, de libertação do indivíduo, quando este se conscientiza de quem ele é, de sua humanidade, de sua vocação de “ser mais”, e da realidade cruel e opressora que o circunda. E a inserção é a atuação do indivíduo conscientizado, sujeito de sua história, e por isso autônomo, sobre a sociedade na qual vive, atuação essa que acontece através da práxis, ação e reflexão. Dessa forma, comparando a educação bancária e a dialógica, temos:

... enquanto a prática bancária, como enfatizamos, implica uma espécie de anestesia, inibindo o poder criador dos educandos, a educação problematizadora, de caráter autenticamente reflexivo, implica um constante ato de desvelamento da realidade. A primeira pretende manter a imersão; a segunda, pelo contrário, busca a emersão das consciências, de que resulte sua inserção crítica na realidade. (FREIRE, 2011, p.97-98)

Assim sendo, o educador, sob o ponto de vista freireano, deve atuar em suas práticas pedagógicas como um indivíduo conscientizado e conscientizador da realidade opressora, e dessa dinâmica existencial controversa e tensa, no intuito de fazer o educando emergir de sua alienação e ser inserido na sociedade de maneira crítica, dialética e transformadora.

3.2. ASPECTOS POLÍTICO-IDEOLÓGICOS DA EDUCAÇÃO

Um dos pontos cruciais defendido acirradamente por Paulo Freire é a questão da humanização, do resgate da humanidade que tem sido destruída pouco a pouco pelos valores neocapitalistas. A dignidade do ser humano vem sendo afrontada e porque não dizer, negada à grande parte da sociedade. Freire irá denunciar de forma incisiva a desvalorização do ser humano como consequência imediata da política neoliberal, que supervaloriza o lucro e a riqueza, em detrimento do ser humano, transgredindo a ética humana e ferindo a sua dignidade. Segundo Zitkoski (2006, p. 63):

Essa é a ideologia do pragmatismo político que, por meio de seus planos estratégicos elaborados para obter o maior lucro possível nos negócios interplanetários, condena grande parte da população mundial ao “destino trágico” de morrer de fome, ou por doenças de simples cura, tal como diarreia. Para essa visão de mundo, ou de política, o ser humano não tem valor, é um simples objeto de manobra, que pode ser usado como qualquer animal, máquina ou instrumento de produção e acumulação de riquezas; quando não serve mais para os “planos estratégicos” de acúmulo do lucro, é descartado e fica à mercê de sua própria sorte.

Nessa sociedade opressora, a maioria esmagadora dos homens é excluída, apartada, destituída dos valores básicos de sobrevivência e tem sua humanidade deflagrada. Segundo Freire (2011, p. 40), a desumanização “é distorção possível na história, mas não vocação histórica”, ou seja, a desumanização é uma possibilidade histórica mas não é a vocação do ser humano, sua vocação, na verdade, é “ser mais”, e por ela, ele deve lutar. Paulo Freire ressalta que a educação tem um papel fundamental nessa luta, entendendo e desmascarando a ideologia neoliberal, conscientizando o educador e o educando sobre essa dinâmica e arregimentando-os para a superação dos obstáculos existentes na busca pela vocação humanizadora de “ser mais”.

Nesse sentido, o pedagogo (Freire) faz uma crítica radical à ideologia embutida na globalização econômica neoliberal pela sua perversidade nos planos e métodos de “governar o mundo” e, igualmente, pela sua indiferença frente à miséria humana, que esses planos “metodicamente” produzem. Por tais razões, o esforço de Freire é desmascarar a malvadez do capitalismo em sua cruzada, essencialmente ideológica, que prega o fim das ideologias. Entretanto, com o mesmo rigor, a proposta freireana desafia a necessidade histórica de superar os sistemas político-econômicos que são opressores e essencialmente destrutivos à vida em sua lógica interna (ZITKOSKI, 2006, p.61 – grifo meu)

Outra questão denunciada por Freire é a concepção fatalista neoliberal que trata a realidade humana como algo imutável, necessário, e determinado. A educação dialógica, ao contrário, irá se prevalecer da historicidade do ser humano e de suas relações. Para Freire, existe condicionamento, mas nunca determinismo na história humana, e por isso o homem pode e deve lutar por seus direitos como cidadão. Nada é ou está pré-determinado, pronto, acabado, de modo que o homem precise aceitar como inexorável em sua vida. Esta é uma falácia capitalista incutida na mente dos oprimidos pelos opressores para justificar suas próprias atitudes perversas. Na afirmação de Zitkoski:

Outra grande transgressão ético-política do neoliberalismo está em conceber a realidade humana como algo pronto e consolidado. Essa visão determinista reforça ao extremo uma posição conservadora que justifica a desumanização no mundo atual como sendo uma realidade natural e involuntária e, portanto, independente frente às práticas sociais efetivas. (ZITKOSKI, 2006, p.54)

E ainda:

A realidade é uma produção dos seres humanos e não um destino trágico que estaria acima de nosso poder de transformação. As conseqüências das decisões políticas devem ser eticamente avaliadas e não simplesmente justificadas por meio de argumentos fatalistas, cientificamente falsos e ideologicamente perversos à inteligência humana em seus diferentes modos de perceber e significar o mundo. (ZITKOSKI, 2006, p.60-61)

Na concepção freireana, não existe mundo sem homens nem homens “desligados do mundo”. Essa concepção possui implicações e desdobramentos sérios no que diz respeito à inserção e atuação do homem na sociedade. A relação entre os homens e entre o homem e o mundo é sempre dialética, e acontece de forma simultânea. Nessa perspectiva, Zitkoski ressalta que “o ser humano não só está no mundo, pois não é um ser passivo totalmente adequado a ele, mas um ser que faz escolhas, que toma decisões e que, por isso mesmo, se

tornou uma presença no mundo que tem um modo especial de ser” (2006, p. 58). Sendo assim, o homem é um ser social e político desde que nasce até a morte. E o educador tem que está consciente desta realidade, sendo reflexivo, crítico e considerando o teor dialético das relações em suas práticas pedagógicas. Como disse Paulo Freire (2011, p. 100):

A educação problematizadora se faz, um esforço permanente através do qual os homens vão percebendo, criticamente, como estão sendo no mundo com que e em que se acham. Se, de fato, não é possível entendê-los fora de suas relações dialéticas com o mundo, se estas existem independentemente se eles as percebem ou não, e independentemente de como as percebem, é verdade também que a sua forma de atuar, sendo esta ou aquela, é função, em grande parte, de como se percebam no mundo.

Ou seja, não se pode pensar o homem como um ser abstrato, isolado ou separado da sociedade, pois isso efetivamente não existe. É mais um engodo neoliberal, enfatizado pela educação bancária que não estimula a reflexão do homem e percepção do seu entorno, possibilitando sua inserção no mundo e conseqüentes mudanças. O homem é essencialmente um ser dialético, analítico e relacional.

A classe opressora utiliza como estratégia de dominação a desmobilização sócio-política e isolamento das massas populares para que estas não reflitam sobre a realidade vigente, sobre a opressão e esmagamento nos quais vivem. A intenção é não permitir o diálogo, não estimular as trocas, controlar e direcionar o pensamento e a ação da classe oprimida para enfraquecê-la, e desta forma manter a alienação que é tão perversa e necessária para o neocapitalismo. Para isso, utilizam de todo e qualquer tipo de mídia e tecnologia a seu favor, e não medem esforços para garantir “a passividade e a divisão entre os diferentes grupos controlados”, no intuito de perpetuar o seu domínio e poder sobre o povo.

As estratégias de dominação incidem sobre a capacidade do homem de problematizar e de pensar a realidade. Negando às maiorias o direito de dizer a sua palavra, de pensar certo, dialogar e debater sobre o mundo em que vivem, as classes dominantes sabem que estão atrofiando um grande potencial de resistência e libertação dos oprimidos... Desta forma, quanto mais isoladas umas das outras, sem diálogo e sem canais de debate e reflexão sobre suas relações como o mundo e com os outros, mais alienados cultural, política e socialmente se encontrarão tais pessoas. (ZITKOSKI, 2006, p. 30-31)

Cabe a educação exercer o seu papel questionador, reflexivo e libertador para que o educador e o educando percebam como a classe dominante utiliza tais estratégias para esmagar o oprimido, calar sua boca, atar suas mãos e fechar os seus olhos. A educação não é o

único meio, mas é um dos mais fortes nessa tarefa de conscientização e libertação do homem, e por isso mesmo a classe pedagógica precisa ser a primeira a entender essa dinâmica e não se deixar dominar ou fechar os olhos para essa realidade.

Nesse contexto, o papel da escola é de suma importância, pois é (ou deveria ser) um lugar de reflexão sobre o cotidiano dos homens, suas possibilidades e idiossincrasias. Todas as disciplinas deveriam ter como foco a existência do ser humano e as relações dialéticas estabelecidas com o seu entorno, e isso inclui os demais seres humanos e todo o ecossistema que o envolve. Daí ser importante pensar que se o conteúdo não gera essa reflexão e posterior responsabilidade consigo mesmo e com os demais, não deveria ser ministrado. A contextualização dos conteúdos deveria estar na pauta diária dos educadores.

Desta forma, verifica-se o teor político e altamente transformador da educação e da escola como espaço de reflexão e mudança. Na escola, deveriam ser discutidas, desde a mais tenra idade, as grandes diferenças sócio-econômicas existentes no seio da sociedade, em pauta deveriam estar também os mecanismos utilizados pela classe opressora para justificar e camuflar essas diferenças. Deveriam ser analisadas, ainda, as mensagens veiculadas pelas propagandas e novelas, e não só fazer recorte e colagem dos personagens da TV para trabalhos insignificantes. As propagandas e novelas reforçam de maneira sorrateira (e às vezes escancarada) o tipo de pessoa que “nasceu” para crescer, para brilhar, e o que não tem possibilidade nenhuma de sair da casta de onde foi gerado. Elas ditam a moda que deve ser seguida, os lugares que devem ser frequentados. Os alunos devem perceber o quanto todas as pessoas sofrem para atender essa expectativa social que é opressora e discriminatória. E quando as novelas mostram as diferenças sociais, fazem-no com a intenção de reafirmar o fatalismo e determinismo social.

Outra fonte inesgotável de discussão e crítica é o noticiário impresso e televisivo. Poucas vezes é utilizado esse meio de comunicação na escola como forma de percepção, indignação e possibilidade de mudança. Serve apenas para que os alunos tomem conhecimento das notícias e vejam de maneira superficial o quanto o mundo possui dificuldades. Nem para obter conhecimento geo-histórico tem servido, pois os alunos saem da escola sem ter a menor noção das guerras históricas que acontecem há anos.

Nesse sentido, a pedagogia freireana encaminha à reflexão, por isso, os educadores poderiam e deveriam usar o vasto noticiário para mostrar como se encontra a saúde do país, as diferenças do sistema único de saúde (SUS), plano de saúde, e sistema particular. Poderiam

falar sobre as enormes e gritantes diferenças das instituições educacionais públicas e privadas, a falta de infra-estrutura das escolas, a falta de professores bem remunerados e bem qualificados, a falta de material e merenda escolar, as políticas públicas educacionais que não se cumprem. Poderiam discutir, também, de forma contextualizada a questão da moradia nos grandes centros e no interior, a falta de estrutura e dignidade na qual vivem a grande parte dos brasileiros; do transporte público, mal distribuídos e de má qualidade; da falta de segurança nas grandes cidades (origem e desenvolvimento); da alimentação desqualificada e empobrecida para uns e extremamente saudável para outros; do lazer gratuito e acessível para os desventurados e caro para os ricos; dos impostos que são pagos (e bem pagos) por todos e o retorno para a sociedade; da qualidade e durabilidade dos produtos e serviços que são disponibilizados às diferentes classes sociais. Enfim, deveriam ser discutidas as diferenças inaceitáveis e injustificáveis da nossa sociedade e formas de superá-las, posto que todos têm o direito de viver dignamente, todos têm o direito ao “pão de cada dia”, e não alguns o “brioche francês” e a maioria, as “migalhas mofadas”.

Assim, a proposta de Paulo Freire é o norte para que a educação mude o Brasil, mude o mundo, porque transforma e liberta o ser, porque busca a justiça, e a justiça acontece por meio da educação de verdade para todos em todos os momentos.

3.3. EDUCAÇÃO COMO ATO DE LIBERTAÇÃO DO HOMEM

Para Paulo Freire educar é conscientizar. E conscientizar não é simplesmente tornar algo conhecido, mas é através da práxis refletir sobre a realidade e simultaneamente agir sobre esta realidade. Como disse Freire (2011, p. 158):

Conscientização, é óbvio, que não para, estoicamente, no reconhecimento puro, de caráter subjetivo, da situação, mas pelo contrário, que prepara os homens, no plano da ação, para a luta contra os obstáculos à sua humanização.

É sair do estado de imersão, passando pela emersão e chegar à inserção que é a ação sobre algo que precisa ser mudado. Esse movimento da imersão à inserção do sujeito na sociedade é o que caracteriza sua libertação. Ele se liberta porque se conscientiza, e ele se

conscientiza através da educação. Nesse sentido, a educação verdadeira liberta o homem! No dizer de Fiori:

Não tem a ingenuidade de supor que a educação, só ela, decidirá os rumos da história, mas tem, contudo, a coragem suficiente para afirmar que a educação verdadeira conscientiza as contradições do mundo humano, sejam estruturais, superestruturais ou interestruturais, contradições que impelem o homem a ir adiante. As contradições conscientizadas não lhe dão mais descanso, tornam insuportável a acomodação... É a “educação como prática da liberdade”. (Prefácio. In: FREIRE, 2011, p.29)

Dessa forma, a pedagogia libertadora possui alguns aspectos interessantes que devem ser ressaltados. Uma questão é que os oprimidos “nos vários momentos de sua libertação, precisam reconhecer-se homens, na sua vocação ontológica e histórica de *ser mais*” (FREIRE, 2011, p. 72). Eles não podem ser tratados nem educados como coisas, como depósitos de conhecimento, como massa de manobra, e sim como homens vocacionados a *ser mais*. É preciso acreditar na libertação do oprimido e dialogar com ele para que seja conscientizado e liberto. Outro aspecto importante que perpassa a educação libertadora é que “o convencimento dos oprimidos, de que devem lutar por sua libertação não é doação que lhe faça a liderança revolucionária, mas resultado de sua conscientização” (FREIRE, 2011, p. 74). Diferentemente da educação bancária, o processo de libertação do homem que se dá pela aprendizagem não é uma doação, e sim uma conquista feita por ele mesmo enquanto se conscientiza, reflete e age. Outra questão é de que o homem luta por sua liberdade para ter vida plena e não para conquistar algumas pequenas coisas enquanto está vivo. Conforme disse Freire (2011, p. 76): “É que essa luta não se justifica apenas em que passem a ter liberdade para comer, mas liberdade para criar e construir, para admirar e aventurar-se”. Um aspecto extremamente importante na pedagogia libertadora, abordada em vários momentos por Freire é que, somente os oprimidos poderão se libertar, muito embora o processo de conscientização aconteça de forma conjunta. Somente ele sofre “na pele” e entende a necessidade e urgência de se libertar, por isso o processo de ensino-aprendizagem jamais pode ser uma doação e sim uma conquista em todos os aspectos.

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela (FREIRE, 2011, p.42-43)

A libertação do oprimido se dá na medida em que ele entende e supera a sua dualidade, ou seja, o ser oprimido e “hospedar” o opressor, para que então supere a situação opressora. No entanto, essa libertação é um processo difícil, comparado por Freire a um parto doloroso, do qual nasce um homem novo. O oprimido, assim que se descobre oprimido, vivencia uma luta existencial entre continuar sendo oprimido ou libertar-se; continuar alienado ou conscientizar-se; continuar passivo e esmagado ou tornar-se sujeito da sua própria história. Freire comenta muito bem esse processo:

São eles e ao mesmo tempo são o outro introjetado neles, como consciência opressora. Sua luta se trava entre serem eles mesmos ou serem duplos. Entre expulsarem ou não o opressor de “dentro” de si. Entre se desalienarem ou se manterem alienados. Entre seguirem prescrições ou terem opções. Entre serem expectadores ou atores. Entre atuarem ou terem a ilusão de que atuam na atuação dos opressores. Entre dizerem a palavra ou não terem voz, castrados no seu poder de criar e recriar, no seu poder de transformar o mundo. (FREIRE, 2011, p.48)

O papel do educador no processo de conscientização e libertação do homem é dialogar, é partilhar a palavra, é trazer para fora o que educando tem dentro de si, sua consciência de mundo, sua vivência. E por isso passa a não mais existir o binômio educador/educando como personagens estanques da educação, e sim aquele que ensina aprendendo e o que aprende ensinando, numa relação dialógica em que só existem sujeitos e não sujeitos e objetos. Como disse Paulo Freire:

Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas. (FREIRE, 2011, p.95-96)

E com relação à humanização do sujeito que só é possível através de dialogização, Zitkoski comenta:

Sem a prática dialógica e a esperança que lhe é fundante, não há como recuperar a humanidade dos oprimidos. Estes, no processo dialógico-problematizador, certamente vão aprender a lutar como seres humanos respeitados, sujeitos de sua luta e com coragem diante das situações opressoras que buscam superar. Se continuarem como “coisas” – objetos de manobras dos líderes – não haverá superação verdadeira da opressão. (ZITKOSKI, 2006, p. 39)

A pedagogia dialógica ou libertadora está calcada na práxis, que implica na teoria dialogada e a ação transformadora. Segundo afirma Rossato (2008, p. 331), comentando a questão da práxis: “a partir do momento em que alguém compreende e toma consciência do seu papel no mundo, sua transformação se torna inevitável e gera, portanto, uma ação para atingir tal fim”. Por isso, na concepção freireana, teoria e prática “andam juntas”, como atitudes essenciais à transformação, e que não podem prescindir uma da outra, sob pena de não atingir a mudança almejada. Em sua abordagem, comenta, ainda, que quando se enfatiza a teoria ou a prática, a consequência não é a transformação autêntica, e sim verbalismo ou ativismo. Em contrapartida, a práxis visa à transformação de indivíduos e da sociedade.

Assim é que, esgotada a palavra de sua dimensão de ação, sacrificada, automaticamente, a reflexão também, se transforma em palavreria, verbalismo, blá-blá-blá. Por tudo isso, alienada e alienante. É um palavra oca, da qual não se pode esperar a denúncia do mundo, pois que não há denúncia verdadeira sem compromisso de transformação, nem este sem ação. Se pelo contrário, se enfatiza ou exclusiviza a ação, com o sacrifício da reflexão, a palavra se converte em ativismo. Este, que é ação pela ação, ao minimizar a reflexão, nega também a práxis verdadeira e impossibilita o diálogo. (FREIRE, 2011, p. 108)

É importante ressaltar que o processo de conscientização com a consequente transformação é contínuo, permanente, porque entende-se que os homens e o mundo estão em constante mudança, sendo recriados o tempo todo, numa relação dialética eterna. Ou seja, sempre haverá questões para serem debatidas, analisadas, superadas, no intuito de crescimento e libertação do homem, enquanto estiver no mundo e se relacionando com o mundo. Segundo Kitkoski:

Esse é um processo dialético, conflituoso, de avanços e recuos, e que requer práticas efetivas de transformação da realidade que materializam, no conjunto da sociedade, movimentos superiores de libertação. Contudo, esse processo não implica um ponto de chegada, em que não teríamos mais conflitos, contradições ou embates práticos. (ZITKOSKI, 2006, p. 56)

O que deve ficar claro, porém, e ser constantemente repetido é que, embora Paulo Freire tenha lido e se embasado em muitas teorias marxistas, não defendeu a luta armada como forma de libertação do homem, nem pregou que se a classe oprimida alcançasse o poder político seria livre e feliz. Como disse ZITKOSKI (2006, p. 35), “a verdadeira revolução libertadora concebida por Freire não é a “conquista do poder político”, nem a luta armada

concebida à luz da teoria marxista, mas a revolução cultural”. Isto é, Freire percebeu que a revolução cultural, que acontece através da educação dialógica, é o único meio eficaz do homem se libertar, com a qual não só a classe oprimida se liberta, mas também a classe opressora, numa permanente reconstrução da história humana, em que todos os homens sejam respeitados e seus anseios e necessidades supridos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há como negar a grande importância e influência da obra de Paulo Freire nos âmbitos educacional, social, político, econômico e cultural do nosso país. Isso porque, seu pensamento, postura, crítica, por vezes, revolta e indignação contra uma sociedade injusta e opressora deixaram marcas profundas no país em que ele nasceu, cresceu, se fez homem, traçou relações e morreu. Paulo Freire, ao implantar o seu método de alfabetização no Brasil, no início dos anos 60, trouxe à tona profundas reflexões sobre questões educacionais, antropológicas, existenciais, provocando tanta ebulição e transformação, que foi considerado subversivo, comunista e perigoso à ordem. Isso resultou em seu exílio, por 16 anos. Mas o que poderia ser considerado fracasso e esquecimento futuro foi transformado em prodigiosa experiência prática e produção literária daquilo que já tinha sido gerado no Brasil. Ganhou força, reconhecimento, e vitalidade. Voltou ao Brasil para continuar fazendo história, ocupando os melhores cargos da educação, sem, contudo, deixar de relacionar-se com a população de base e continuar acreditando na revolução cultural do seu país, tornando-se um ícone da educação brasileira. Paulo Freire foi um homem que realmente ensinou, pois marcou a sua geração, fazendo jus ao significado da palavra ensinar, em grego: marcar com um sinal.

Por tudo isso, a sua obra deve ser lida de forma profunda, discutida, analisada e praticada. O Método Paulo Freire e suas contribuições à sociedade brasileira devem ser estudados por todos os pedagogos e por todos aqueles que se dizem comprometidos com o desenvolvimento da população brasileira, em que grande parte é miserável, desqualificada, a quem foi negada a educação, a cidadania, a vida.

Para que os pressupostos pedagógicos freireanos sejam conhecidos e colocados em prática pela classe educacional, são necessárias algumas mudanças na grade do curso de Pedagogia (ensino superior). Uma delas seria a inclusão das disciplinas “*Educação e Política*” e “*Teoria e Prática da Pedagogia Bancária e Dialógica*”. Outra alteração positiva seria a inclusão e leitura de alguns livros dentre a vasta bibliografia de Paulo Freire no curso de Pedagogia, para que fosse oportunizado aos alunos conhecer o que este autor produziu de forma teórica e prática, as críticas dirigidas a ele, as mudanças implantadas no nosso país por causa dele, e suas experiências fora do país que agregaram a sua vivência como educador. E por fim, abrir espaço para palestras e debates sobre outros educadores brasileiros revolucionários que fizeram história em no país. Creio que só assim haverá, um dia, mudanças

significativas no currículo, didática, metodologia, avaliação da educação brasileira, tornando-a mais crítica e libertadora.

A proposta de Paulo Freire vai muito além de um método de alfabetização bem estruturado, mas pretende através da educação pelo processo de conscientização do homem, torná-lo cidadão, autor e testemunha de sua história. Ele intenciona a mudança do homem pelo próprio homem, uma revolução cultural, sem líderes camufladamente autoritários. Essa revolução só pode ser feita pela classe oprimida e por isso esta deve estar no centro do processo. Não é uma luta armada que almeja alcançar o poder, como propôs Marx, pois esta luta pressupõe a violência que é uma arma típica da classe opressora, criando um ciclo vicioso, que somente pode ser quebrado pela classe oprimida, que liberta a si mesma e também o opressor.

Por fim, é importante ressaltar que depois de ler e estudar Paulo Freire ninguém é mais o mesmo, seja ele um estudante, um profissional, um cidadão comum. O indivíduo se torna consciente de seu papel na sociedade, responsável pelas mudanças que devem acontecer no seio desta, no âmbito social, político, cultural e econômico. Paulo Freire levantou a bandeira que deve sempre estar hasteada: a verdadeira educação é revolucionária. Que todos os educadores deste país possam fazer uso dessa premissa!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOMENY, Helena Maria Bousquer. **Os intelectuais da educação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Método Paulo Freire**. 11 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler; em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados/Cortez, 1987.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Paulo, HORTON, Myles. **O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social**. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

GHIARDELLI Jr, Paulo. **O que é pedagogia**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

ROSSATO, Ricardo. Práxis. In: STRECK, D; REDIN, E; KITKOSKI, J (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

TORRES, Carlos Alberto. **Diálogo com Paulo Freire**. São Paulo: Edições Loyola, 1979.

ZITKOSKI, Jaime José. **Paulo Freire & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.